

IRENE SOLÁ

Dei-te Olhos e Viste as Trevas



cavalo de ferro

Ao Oscar

MADRUGADA

*gonosznak látszott, pedig csak öreg volt*¹

ANNA T. SZABÓ

A escuridão era roxa e movediça, opaca, cor de granada, umas vezes, e azul, vibrante, sarapintada, cega, espessa, funda e brilhante, outras. Estava infestada de vermes, de ramos, de tremores, de veios, de manchas. As nódoas, indiscerníveis, eram as paredes barrigudas de um quarto, o tecto, uma cama, uma mesa-de-cabeceira, uma cómoda, uma porta e uma janela. As trevas crepitavam. Agitavam-se, murmuravam. Ressonavam. O ronco era nasal, apagado e áspero. Rangia, engolia e arfava. A origem do bramido era a cama, e o vulto que dormia no meio. Uma mulher velha. Corpulenta. Bernadeta tinha os olhos fechados, as pálpebras de lagartixa, sem pestanas, a boca aberta, os lábios lilases e aguados, e o cabelo oleoso e comprido, espalhado sobre a almofada. Era feia. Ou era isso que a outra mulher, Margarida, pensava, sentada ao seu lado numa cadeira de vime, com as mãos juntas no colo e os polegares a desenharem círculos.

1 «parecia malvada, mas era apenas velha» [Nota da edição original.]

Na cama, Bernadeta engoliu uma tosca baforada de ar, abandonou um fôlego ronco a meio, e deixou de respirar. Lá fora, ouviu-se o canto de uma coruja, e depois silêncio. Margarida deteve os polegares. Esticou o pescoço, observou a velha e, por um momento, pensou que já estava. Que tinha chegado a hora. Mas o abismo escuro da boca de Bernadeta suspirou, inalou e reiniciou o zunzum. E Margarida voltou a apoiar as costas na cadeira e continuou a fazer os dedos girar. Era uma velha mirrada, com cabeça de pardal, olhos severos, boca inflexível, faces encovadas, pescoço enxuto e ombros encurvados. E rezava. Rezava toda a noite, pobre Margarida. Porque o Senhor manda rezar e fazer rezar. Mas como Margarida não podia fazer rezar, porque a língua das mulheres da sua família, as que a tinham, era um torrão incapaz de dizer algo de bom, rezava ela. Com a esperança de que, se rezasse muito, mais cedo ou mais tarde, Deus iria ouvi-la. E iria distingui-la no meio de tantos pecados e de tantas pecadoras. Iria aconchegá-la entre os seus braços de pai e dizer que nunca a devia ter desamparado, «minha filha», que Margarida era boa e santa, e que a perdoava. Perdoava as coisas que ela fizera, e as que os outros haviam feito.

Primeiro rezava pelos que já não estavam ali. Pelos que se tinham ido embora e não tinham regressado. Pelo seu marido, Francesc. Pelos seus filhos, Bartomeu, Esteve e Guilla. E pelo seu pai, Bernadí. Por Martí, *o Terno*, e Martí, *o Coxo*, não rezava, porque não tinham nada que ver com ela. Depois pelas mulheres da casa. Pela sua mãe, Joana, embora fosse mesquinha, e pela sua irmã Blanca, embora fosse desviada. Pela sua sobrinha Àngela, embora fosse um desperdício rezar por Àngela, e pela sua sobrinha-neta Dolça, embora Dolça devesse ter apodrecido no inferno e sido ouvida a gritar por baixo das pedras por ser filha de quem era. Até rezava por Elisabet, que nem sequer era da família, mas cada pai-nosso que rezava por Elisabet contava por três. Também rezava por Bernadeta. Mas, no caso da velha que dormia como uma fruta apodrecida

caída da árvore, sobretudo vigiava-a. Porque Margarida queria estar presente quando Bernadeta morresse. Queria vê-la morrer. Queria ver como a graça e a salvação divinas lhe eram negadas por se ter misturado tantas vezes com o diabo.

Margarida tinha aguardado a morte com entusiasmo. A sua própria. Tinha imaginado a sua passagem como uma explosão luminosa, um espasmo de glória, uma alegria definitiva, um êxtase asfixiante ao som dos alaúdes e das trombetas de um exército de anjos. Aleluia! Louvados sejam os desígnios do Altíssimo! Louvado seja o Nosso Criador! Tinha visualizado aquilo tantas vezes que era como se tivesse acontecido. As portas do Céu a abrirem-se à sua passagem. Os querubins a cantarem. Tinham as bocas cor-de-rosa e carnudas, as bochechas de veludo, os olhos húmidos de alegria. Iam descalços e traziam coroas de ouro e túnicas de seda que se atavam ao peito com fios que também eram de ouro. E, no meio dos anjos, estava Nosso Senhor. Nosso Senhor, que tinha uma cara que se confundia com a de Francisc, com uma covinha no meio do queixo, e as mãos ásperas e cheias de anéis, que pegava no seu rosto para beijá-la como a tinha beijado o marido no dia em que casaram. «Bem-vinda à Glória», dizia-lhe. E então, quando no meio da luz fulgurante que traz a alegria, Margarida voltava a distinguir a boca do Senhor perante si, os olhos do Senhor como duas colheres, Ele olhava para ela tão de perto, tão rente, que via todas as coisas que a pobre mulher tinha tido de viver a mais, e chorava lágrimas que pareciam de leite.

Mas que desengano, minhas filhas! Porque quando Margarida morreu, com as mãos juntas, com as unhas primeiro cor-de-rosa, depois brancas, com a boca aberta e os olhos nervosos que já vislumbravam o júbilo eterno, totalmente preparada, ofegante, desejosa e abandonada, não houve nem querubins nem trombetas, nem explosão luminosa, nem espasmo de glória, nem alegria definitiva, nem êxtase asfixiante. Apenas uma roda de mulheres sujas e desabridas. Grotescas

e ordinárias. Tal qual. Tão triste como soa. Porque quando o coração pequeno, de três quartos, de Margarida disse, chega!, desfalecido, encolhido, acabou, adeus!, as mulheres da sua família rodearam-na. E, em vez do Céu e dos anjos e das mãos de Deus a enxugar-lhe a face, a sua mãe, Joana, como uma égua desdentada, a sua irmã Blanca, que foi a única que gostou de ver, embora não muito, a sua sobrinha Àngela, a quem a morte tinha conservado a expressão de javali, e Elisabet, a quem, se Margarida não tivesse tido os sentidos fraquíssimos e atordoados, teria arrancado todos os cabelos da cabeça, rodearam-na. Mas estavam mortas! As quatro. Virgem Santíssima, algumas estavam mortas há muito tempo. Almas condenadas! Margarida inquietou-se, incapaz de dizer alguma coisa, de tão assustada que estava. Porém, de qualquer forma, ninguém a teria ouvido, porque as mulheres gritavam, «Margarida, Margarida, MARGARIDA!», enquanto a levantavam pelas axilas e riam, e a mãe sorria para ela a mostrar os buracos dos dentes e dizia, «Bem-vinda, Margarida, bons olhos te vejam!», como se fosse o próprio demónio a abrir-lhe as portas do inferno. A pobre Margarida, ainda morna, fitou-as com os olhos como pinhões, arrepiantes como eram, assustadoras!, ainda mais feias do que se lembrava, e pensou que estava a sonhar, que não podia ser, que não tinha morrido, que não era assim, que não era isso, de modo algum, não, não, não, por favor, Senhor, por favor, por amor de Deus, por Nossa Senhora e todos os santos e todos os anjos.

Se fosse por Margarida, quando Bernadeta morresse, porque não podia faltar muito, não fariam nenhuma festa. Tudo o que as mulheres preguiçosas da sua família comentavam e diziam ultimamente, sobre os talheres, sobre o cabrito, sobre as taças de pé azul, sobre os pastéis ou a *sosenga*¹ tinha que ver

1 Receita de cozinha medieval catalã, documentada no *Manuscrit Sent Soví* do século XIV. [Todas as notas são dos tradutores.]

com a festa, com a festa, com a festa e só com a maldita festa. Joana estava sentada na cozinha, enfiada no seu canto, dando-lhes ordens, para cá e para lá, façam isto e façam aquilo, e as mulheres deambulavam pela casa, em conluio. Se fosse por Margarida, quando a velha morresse, iriam organizar-lhe uma recepção sóbria, austera, respeitosa e serena. Não como a dela.

Como chorou. Como chorou a pobre Margarida, quando, em vez de subir ao Céu e ser recebida pelo pastor das almas, as mulheronas da sua casa, aquelas chatas e escarafunchadoras de feridas, a arrastaram pelas escadas, embora também a pudessem ter atirado por elas abaixo. Levaram-na para a cozinha e fizeram-na sentar-se à mesa, posta com pratos, copos e panelas. E então abriram as bocas e beberam e comeram e balbuciararam e bateram palmas e brindaram e celebraram e endireitaram-se e levantaram os pescoços e os braços no ar. Margarida encheu de lágrimas o prato repulsivo que lhe puseram à frente. Como uma sopa. Mas nenhuma das mulheres da sua família serviu para consolá-la. Nenhuma. Nem a mãe. A sua própria mãe, que a arrancou das entranhas. A sua mãe, só desvario e gritar e beber e contar piadas e dar pancadas na mesa com o rabo. Joana, só festa e algazarra. Tinha subido ao seu escano. Margarida fitava-a horrorizada. As outras gritavam e incentivavam-na. Dançava! Como se não tivesse memória, ou quisesse afugentá-la. Como se não se lembrasse do que não se queria lembrar. Como se naquela cozinha horripilante, cheia de fantasmas, já não importassem as coisas do passado. As vidas inteiras. As filhas e as mães.

A casa rangeu como se lhe estalasse os ossos. Depois houve um longo silêncio que foi interrompido pela coruja do lado de fora, seguido de mais silêncio. A noite tinha-se enroscado dentro do lar como um animal daninho, e as sombras passeavam sem pés pela casa. Cada recanto tinha uma negrura própria, pesada, cavernosa e profunda. O quarto onde Bernardeta dormia era tétrico. A sala era lóbrega. As escadas pareciam

um poço. A entrada era sinistra. A cozinha eram as fauces de um lobo. Sem fundo. As paredes, a lareira, a janela, a mesa, as cadeiras, o lava-louças não se viam. Como se não existissem. Como se não houvesse cozinha nem casa. Apenas escuridão. Joana estava sentada no seu escano. Era uma mulher muito velha. Tinha cara de cavalo, um olho mais aberto do que o outro, o cabelo cinzento e desgrenhado como crinas, os braços gordos e a barriga larga. Esse era o seu lugar. O escano ao pé do lume, embora agora a lareira nunca se acendesse.

Joana tinha casado com o herdeiro da Casa dos Clavell, em Sant Miquel dels Barretons, há tantos anos que não dava para os contar. Fora uma cerimónia simples, austera, e a meio da manhã, para que os noivos tivessem tempo de chegar a casa antes de anoitecer. Marido e mulher tinham subido por trilhos escabrosos e veredas vertiginosas de todos os tons de verde. Tinham atravessado serras, gargantas, ravinas, desfiladeiros, torrentes e vales frondosos e húmidos, entre faias e choupos trémulos, bétulas e aveleiras, azinheiras, ulmeiros e medronheiros, que se tornavam mais densos e se apertavam como um abraço sufocante até a luz cair sobre as roupas dos recém-casados como um punhado de moedas soltas. Joana e Bernadí tinham avançado por aquelas montanhas afastadas e emaranhadas durante um dia inteiro, e só paravam quando encontravam oratórios. Bernadí baixava a cabeça, fechava os olhos e pedia ao Senhor que não deixasse que o seu caminho se cruzasse com lobos e malfeitores. Joana ficava perto dele e juntava as palmas das mãos, mas não rezava. Observava-o. Porque já estavam casados, mas só se conheciam há três dias, e mal tinha conseguido olhar para ele. Observava as suas mãos roxas cheias de nódoas negras, os dedos como *botifarras*, a nuca peluda, as costas desmedidas, o nariz como um nabo, a testa cheia de rugas e a barba densa que trepava como silvas para lá das bochechas, até às sobrancelhas. Mas as súplicas de Bernadí foram em vão, e Joana mal teve tempo de

concluir que o marido parecia um varrasco, porque depois do meio-dia as feras começaram a cantar. Gelou-lhes o sangue nas veias. Cada uivo como uma adaga fria a descer pelas costas até à barriga; se não se respirasse, não perfurava, apenas revolvia as tripas. E Bernadí, que há um tempo os pressentia, e olhava ansiosamente para o verde e o azul entre as árvores e para os movimentos repentinos dos ramos, soltou uma imprecação e cuspiu. Caminhava à frente enquanto Joana olhava para ele desconcertada, porque dava coices às pedras e às árvores e, sem deixar de avançar, virava o pé esquerdo como se não fosse dele e arrastava-o violentamente pelo chão. Ainda não tinham dado cem passos íngremes desde os uivos das feras quando, a ranger os dentes, Bernadí se lançou de joelhos no meio daquela floresta selvagem, e da sua alpargata tirou um pé cinzento, com unhas grossas e amarelas, que coçou e coçou e coçou com desassossego. E então Joana viu-o. Santa Luzia! Mãe do Céu! Bernadí tinha um pé peludo e fedorento com apenas quatro dedos. Apenas quatro dedos! O coração de Joana queria sair pela boca de alegria. E custou-lhe deveras resistir à vontade de se ajoelhar e de, qual Maria Madalena, encher esse chispe de beijos. Mas então Bernadí acalmou-se. Calçou o pé avermelhado e chagado, e homem e mulher continuaram a andar, sob a ameaça da noite e dos alaridos das feras. Antes de chegarem à Casa dos Clavell, Bernadí disse, taciturno e pragmático, que no seu lar tinham sido cinco irmãos, mas que os outros quatro foram arrebatados pelas feras. Primeiro comeram as ovelhas. E, quando ficaram sem ovelhas, os animais tinham entrado na casa e, com excepção de um braço e um pouco da cabeça da menina, tinham devorado os seus irmãos inteiros. Bernadí, que era o mais grandalhão, que se defendia como um louco e não parava de guinchar, não tinha sido comido pelos lobos. Tinha-lhes parecido que lhes daria muito trabalho. Só lhe tinham arrancado o dedo minidinho do pé esquerdo com uma mordidela desajeitada. E, no

lugar do dedo mindinho, agora no pé tinha uma cicatriz branca, brilhante e saliente, que, quando os ouvia uivar, lhe dava uma comichão dos diabos.

A mãe de Bernadí tinha adoecido depois de os lobos devorarem quatro dos seus filhos como se fossem frangos. Tinha inchado. Primeiro os pés, roxos. Depois os joelhos, pretos. Depois a barriga, como um pássaro caído do ninho. E tinha morrido. E quando as feras, como se percebessem alguma coisa sobre afrontas e ofensas, a desenterraram da sepultura e comeram o seu rosto e as suas mãos, Bernadí e o pai, que tinham ficado sozinhos, exclamaram, isto já foi longe demais! E começaram uma guerra. Encomendaram-se a São Defensor, a São Brás, o *Glorioso*, a São Paulo, a Santa Ágata e a Santo António, livrai-nos do mal e do demónio, do lobo e do cão e de qualquer animal que magoe, e começaram a procurar luras. Que estão sempre orientadas para sul e perto da água. E começaram a estripar ninhadas. Que mamam até aos vinte e cinco dias. E começaram a fazer nós corrediços e tábuas falsas. Colocavam uma presa no extremo de uma tábua à beira de um penhasco. Seguravam-na com uma pedra coberta de ramos. E, quando o animal trepava para lá para alcançar a comida, despenhava-se. Juntavam setas de duas a duas, com crina de égua. Amarravam seis ou sete em fila, torciam-nas, uma num sentido e a outra no sentido contrário, e, quando estavam bem pontiagudas, colocavam-nas dentro de um pedaço de carne, maior do que as setas, mas suficientemente pequeno para ser engolido de uma só vez. Deixavam um pouco de isco aqui, um pouco ali, e os lobos engoliam a armadilha sem mastigar. Quando a digeriam, as setas abriam-se, ficavam em forma de cruz e furavam-lhes as tripas.

Nos anos bons, pai e filho caçavam lobos de oito em oito na zona de Dosrius. Em Vilamajor, de sete em sete. Perto de Sant Hilari, às meias dúzias. Em Espinelves e Viladrau, capturaram as maiores lobas, sob as Agudes, as ninhadas mais

numerosas, e em Sant Sadurní d'Osormort, e em Sant Celoni, e em Vilanova de Sau e em Rupit e Folgueroles, matavam tantos que perdiam a conta. Bernadí e o pai localizavam as feras e avisavam as casas envolvidas, que então reuniam as pessoas das redondezas e, após o sinal do mestre lobeiro, que era o velho, gritavam e faziam barulho com ferros para estreitar o cerco da batida e levar os lobos para as veredas, para os poços e para as falésias onde os despenhavam. Onde os matavam com golpes de pedras, ascumas, fundas, zagaias e forcas para lobos, onde eram esfolados vivos ou dados aos cães para serem despedaçados. O pai de Bernadí gostava das batidas. Pela companhia, e pelos gritos e risos dos homens, e pelo terror e os gemidos dos lobos diante da turba. Mas um dia, perto de Seva, uma fera encurralada lançou-se sobre o velho e mordeu o seu rosto de tal forma que, quando mataram o animal, este ainda tinha o focinho agarrado à boca do homem. Como se estivessem a beijar-se. O velho ficou com a mandíbula rasgada e as bochechas perfuradas, mal conseguia engolir, mas isso passou logo a ser desnecessário. Porque a loba tinha raiva. E o mal da raiva faz aborrecer a comida e a água. Primeiro queixava-se de dor de cabeça. Mais tarde, os músculos do rosto começaram a mover-se sozinhos, e era possível ver os dentes através dos buracos das bochechas. Então contorcia-se. Depois, ficou furioso. Espumava pelo nariz e pela boca. E Bernadí pensou, apavorado, que se o tivessem apanhado também a ele, se as feras traiçoeiras o tivessem atacado pelas costas e o tivessem comido numa gruta, teriam vencido a batalha. Encurtou o sofrimento do pai e correu para a aldeia mais próxima, que era Seva, à procura de uma mulher com quem casar.

Joana, que transpirava e arfava seguindo os passos do noivo, pensou que estava à espera dele! Estava mesmo! Sim, claro que estava ansiosamente à espera dele! Porque Joana tinha pedido um homem de todas as maneiras que se pode

pedir um homem. E ele não chegava. Pedira-o a Deus, a Nossa Senhora e a Santo António, mas não lhe davam ouvidos. Até que Garreta, uma velha que servia com ela em Seva, que só comia sopas de pão com leite porque não tinha dentes, e Joana não queria ser como Garreta, olhava para ela e pensava, bom Deus, como a Garreta não, por favor, sozinha e velha e sem dentes, a comer sopas de pão com leite, lhe perguntou, «Porque choras, menina?». Joana respondeu que chorava porque tinha cara de cavalo. Cara de égua. E, mal o disse, ainda chorou mais, porque Deus e Nossa Senhora e Santo António lhe tinham virado as costas e a deixavam espigar como uma alface, sem encontrar um casadouro que a quisesse. Mas Garreta ponderou, «Se Um não te dá ouvidos, porque não pedes ao Outro?». Joana respondeu com um fio de voz que não sabia como pedir alguma coisa ao Outro. Garreta ofereceu-se. Disse que, se Joana quisesse, ela lhe explicaria. Disse que, se pedisse apenas uma coisa, era melhor ir sozinha, de madrugada. Tinha de matar um gato. Nem muito grande nem muito pequeno. Médio. Colocar-lhe uma fava em cada olho, uma fava na boca e uma fava pelo buraco do cu. E que o tinha de enterrar, e em cima do montículo devia desenhar uma cruz, e em cima da cruz devia mijar. Então viria o demónio e poderia pedir-lhe o que quisesse.

Joana viu-o ao sacudir as ancas para enxugar a mijadela. Entre as árvores. Primeiro os olhos. Porque cintilavam. Depois a mancha que era o pescoço grosso e a corcunda e as costas. Então o touro. Porque era um touro. Imponente. Todo preto como a coisa mais preta. Os cornos eram pretos, a carne de dentro dos olhos era preta, pretas as pestanas; pretas as orelhas; preto o focinho cheio de ranho, a testa cheia de remoinhos, o pescoço venoso, as patas, os cascos, a barriga, os lombos, as partes pudendas; preto. Tão negro que a noite parecia clara. E aproximava-se. A sua pelagem brilhava como se fosse água. Exalava um bafo fedorento, como se a água estivesse suja e

estagnada. Era um fedor vivo, penetrante. Joana deixou cair as saias e levantou-se. O touro perguntou, com uma voz mais doce e melancólica do que se poderia imaginar, «O que deseja, bondosa moçoila?». Joana respondeu como um passarinho a cantar, «Desejo um homem inteiro», disse ela, «que seja herdeiro e tenha um pedaço de terra e um pedaço de telhado». O demônio aceitou o pacto. A alma de Joana em troca de casá-la. Depois partiu, sob uma lua finíssima, à procura de uma vaca. No dia seguinte, Bernadí Clavell pediu Joana em casamento.

Bernadí preferia a habilidade à força bruta. O silêncio. A solidão. Quando o pai morreu, caçava as feras com cepos e armadilhas, que tinham braços de pregos e picos que se fechavam de repente. Mergulhava-os em chorume, para que os animais astutos não sentissem o cheiro a ferro e a homem. E seguia rastos e procurava grandes quantidades de fezes. As montanhas estavam cheias de fezes. As das fuinhas, que defecavam nos caminhos indiscriminadamente; as fêmeas, caganitas magras; os machos, cagalhões. As das genetas, que defecavam nas gretas das rochas, fazendo sempre montões no mesmo lugar. As dos texugos, que escavavam latrinas. As das raposas, que cagavam onde queriam. No caso de capturar alguma destas feras, também a matava. Com delicadeza. Punha-lhe o pé no pescoço, oprimia-lhes as costelas e asfixiava-as. As genetas e as fuinhas deixavam-se apanhar com facilidade e morriam depressa. Com os texugos e as raposas tinha de ser mais paciente, esperar um bom bocado, até que se asfixiassem. Depois de mortos, tirava-lhes os ossos, a carne e as miudezas pela boca, sem fazer nenhum corte. Enchia-os de feno da floresta, até ficarem tensos e sem rugas, e, mais tarde, quando descia às aldeias, vendia-os.

No caso dos lobos, não era preciso matá-los com delicadeza. Cagavam em todo o lado. No meio. Como um sinal. Nos cruzamentos dos trilhos, sobre os penhascos. Para que o vissemos. Os malditos sabiam como atacar em cada caso; as ovelhas

pelo pescoço, os porcos, pela barriga, as vacas, pelos úberes, porque assim se inclinavam, os cavalos e os burros de qualquer forma, porque com as patas traseiras davam coices, e era melhor caçarem as crias. As crianças, pela cabeça. E, se encontrassem uma fêmea que tivesse parido, sabiam puxar a placenta e o cordão, para fazer-lhe feridas por dentro. Se acabavam de matar, cagavam algo mole, líquido e escuro, porque primeiro comiam o sangue e as miudezas, que tingiam a merda de preto, e, se limpassem a carcaça, faziam umas cagadelas brancas, peludas e secas. Bernadí matava sem piedade os demónios daquelas montanhas.

Por um lobo ou uma loba recebia cinco soldos. Por uma ninhada, mais cinco. E, depois de pagar, entregavam-lhe um certificado, com carimbo, para que pudesse fazer mais facilmente a colecta pelas vilas. «Aqui está o traidor que vos esvaíava o curral. Este é o animal daninho que tantos problemas vos causou e que degolava o vosso gado. Dêem se quiserem dar.» As pessoas ofereciam-lhe frutos secos e roscas, e o homem voltava para a Casa dos Clavell com as mãos cobertas de cortes, um saco de soldos e outro de guloseimas. Sentava-se à mesa faminto, como se não tivesse comido nada desde a partida, e devorava a comida que Joana lhe punha à frente, elogiando-a com roncos, com o rosto quase a tocar no prato e os olhos embaciados pelo vapor. O caldo da *escudella*¹ escorria-lhe pela barba e pelos dedos e pelos cotovelos abaixo, e, quando terminava, como quem recupera as forças, abraçava a sua mulher com as mãos gordurosas. E Joana, sob aquele pinheiro que era o seu marido, destapava um rosalgar como nenhum outro. Um cogumelo que enchia toda a sua mão. E que ela acariciava com delicadeza, para não quebrar o pescoço amanteigado. Porque Bernadí podia ser feio como um varrasco,

1 Prato de origem catalã, composto por caldo, hortaliças da época, carne e enchidos.

Joana bem podia dizê-lo, mas que cogumelo! Nossa Senhora, que cogumelo. Aveludado e duro e bonito até mais não. Vermelho e branco e brilhante de orvalho. Como se toda a finura, toda a beleza, toda a alegria se tivessem escondido ali em baixo, com forma de chapéu, anel, esporas e pé, cravando-se como uma raiz na terra escura. Cogumelo, quem te plantou? A Virgem Maria com uma mão e até aqui me trouxe!

Na segunda vez, o demónio apresentou-se com aparência de homem. Numa noite nublada, foi à casa de campo para ajustar contas. Mas Joana tinha gostado tanto daquela casa, como uma concha para um caracol, como um corpo para uma alma, que era como se o fitasse do interior de uma armadilha, de trás de uma muralha. Era um homem feio, macilento, careca, com o rosto pálido e a boca grande. E cheirava tão mal como o touro, mas desta vez, no fedor, Joana também distinguiu rastros de cabra, de cu e de fogueira. Não o convidou para entrar. O demónio cumprimentou-a com uma voz delicada e pomposa, «Desejo-lhe uma boa noite, bondosa moçoila». Ela não lhe devolveu o elogio. Lançou-lhe, «O Bernadí não é um homem inteiro». Mas pareceu que a fera ruim não percebia, e Joana teve de lhe explicar, «Pedi um homem *inteiro*, que fosse herdeiro e tivesse um pedaço de terra e um pedaço de telhado, mas o Bernadí não é um homem inteiro». O grande assador fitou-a incrédulo. Joana acrescentou, «Falta-lhe o dedinho do pé esquerdo». Depois disso, ouviu-se um estrondo e uma explosão terrível, e choveu a cântaros durante quatro dias. A tempestade fez ruir as pontes de Sau, Querós, Sallent e Susqueda.

Joana não pensou mais no demónio, convencida de lhe ter passado a mão pelo pêlo, até que nasceu a herdeira. Margarida. Que era uma criança magricela, de olhar severo e reprovador, e peito azul, agitado e frenético. Joana aproximava uma orelha das costelas e estremeceia. Porque, embora não se visse,

quando se escutava, percebia-se; a menina tinha dor no coração. Faltava-lhe um pedaço. O que não queria dizer que Margarida tivesse um coração mau. Não. Nem um coração delicado. Também não. Queria dizer que o seu coração era pequeno, duro, fibroso. Difícil de mastigar. Rabugento. De lebre. Depois de Margarida, Joana deu à luz Blanca, que nasceu sem língua. A boca como um ninho vazio. E Joana sentiu novamente o ferrão da suspeita, mas não ligou as pontas soltas. Depois veio Esperança. A sua Esperança, pequena, coitadinha, que nasceu sem fígado e morreu amarela como um pintainho. E parecia impossível abandonar aquele embrulho, sozinho, à noite, às escondidas, num buraco frio e escuro na terra, ao pé do muro de Sant Miquel dels Barretons, para que estivesse perto de Deus. Mas Joana ainda não quis acreditar. E então teve o herdeiro. A quem teriam chamado Bernadí, como o pai, mas nasceu sem buraco lá atrás e morreu, recheado como uma *llonganissa*¹. Com as carnes duras e roxas. E, enquanto Bernadí levava aquele segundo embrulho a Sant Miquel, Joana percebeu. Entendeu. Compreendeu que tudo tem um preço. E que o preço é sempre muito alto. E que depois do pacto que tinha feito e desfeito com o demónio, por causa do dedo pequeno do pé que faltava ao seu marido, faltaria alguma coisa a toda a sua progénie. Olhou para a casa, para o homem, para a filha severa, a filha muda, e pensou que era muito mais do que tinha Garreta. E à força de salgueiro, hera, raízes de aveleira, poejo e cânhamo estrangulou aquele fluxo de parir crianças a meia cozedura.

Bernadeta proferia roncos profundos e ásperos que ecoavam solitários. As paredes resistiam a eles e a seguir engoliam-nos. De vez em quando, o ritmo quebrava-se, porque a mulher se mexia na cama, suspirava e estalava os lábios. As suas

1 Enchido de carne de porco picado parecido com a linguça portuguesa.

pálpebras peladas tremiam. Margarida sentava-se ao seu lado e rezava cada vez com mais veemência, porque era no coração mais negro da noite, na hora escura, mesmo antes de começar a alvorada, que apareciam o demónio e seus enviados. O demónio tinha tentado a sua mãe numa madrugada viscosa. Foi numa madrugada venenosa que Joana confessou a Margarida o seu pecado imperdoável. A mulher gritava, «Bernadí! O que te fizeram? Bernadí, meu cogumelo!», e Margarida, que ainda era uma moça bondosa e ingénua, consolava-a. Parecia uma Nossa Senhora dolorosa, com as bochechas a pingar e a cabeça caída para a frente, como se o pescoço estivesse cansado de sustentá-la. Há já três noites que não dormia nada, porque o pai de Margarida não tinha voltado, e já não voltaria, e Joana, mal começava a fechar as pálpebras, já imaginava os lobos, traiçoeiros, a despedaçá-lo, «Bernadí!». Os facínoras que lhe rasgavam a papada às fatias como um pão redondo para partilhar, «Bernadí!». Os penhascos frágeis que o engoliam e lhe entulhavam lama e água suja dentro das orelhas, como se o estivessem recheando, «Bernadí! Bernadí!». Margarida dizia, «Chiu, chiu, mãe», e Joana chamava-o, «Meu cogumelo, meu cogumelo». Exclamava, «Sei que está morto, sei que está morto, porque envelheci de repente!», e logo a seguir penetrava dentro das lembranças como se fossem uma floresta. Mas não se enfiou sozinha naquela floresta pérfida. Não. Pegou na mão de Margarida e puxou a pobre rapariga para debaixo das árvores. Levou-a pelas mesmas veredas que Joana e Bernadí tinham trilhado após casarem. Margarida ouvia-a, cândida e, de vez em quando, repetia, «Chiu, chiu, mãe», para confortá-la. Mas de repente a folhagem que as cercava mudou. Tornou-se densa e azarenta, maldita, e Margarida queria voltar para casa. Não queria continuar por aquele caminho. Não queria aproximar-se daquela clareira para a qual Joana apontava. A mãe obrigava-a. Agarrava-a e até a arranhava. E no meio da escuridão Margarida viu um rabo

branco, de costas, a urinar. Soltou um grito quando se apercebeu de que era o rabo de Joana. Depois apareceu um touro negro que se aproximou da mãe. A mulher sussurrou-lhe ao ouvido, «O demónio», mas Margarida balançava a cabeça como uma galinha acabada de depenar. Não a escutava. Não. Não a ouvia. Tapava as orelhas com as mãos, NA-NA-NA. Mas Joana, que tinha os olhos vazios como cascas de avelã e os dentes pontiagudos e dispersos, afastava-as. A única coisa que Margarida queria, por favor, que lhe suplicava, era que Joana se calasse. Era esquecer aquele touro e ignorar o pacto que tinha feito com a mãe. Não saber nada nem do seu coração de três quartos, nem da língua de Blanca, nem do fígado de Esperança, nem do buraco do cu do herdeiro. A pobre rapariga agarrava-se à mesa da cozinha e pensava no pai. Em Bernadí, que era bondoso, que tinha um cheiro ácido e fumado, de sangue seco e suor, quando sentava as duas meninas no seu colo e lhes ensinava o pai-nosso do lobo. Ou quando lhes falava das coisas que Deus fizera e das que fizera o demónio. Dizia-lhes, «Deus fez as árvores e os rios e as montanhas e os animais bonitos e proveitosos. E o demónio fez os animais feios e selvagens». E Margarida, sentada ao seu colo, imaginava isso. Como Deus fazia o pintassilgo, e fazia a andorinha, e o rouxinol. E como o demónio, para sujar o mundo, fazia o morcego, e o mocho, e o corvo. «Deus fez o gato e o demónio fez o rato. Deus fez o cavalo e o demónio, a serpente. Deus fez a ovelha e o demónio, a cabra.» Mas Joana enfiava uma língua espinhosa nas orelhas de Margarida e abanava-a como se quisesse arrancá-la do colo do pai. Deus fez a pereira, e a macieira, e o castanheiro, e a vinha, e a giesta, e a roseira, e o demónio fez o espinheiro, e o castanheiro estéril, e a silva, e o tojo, e a roseira-brava. Deus fez o alecrim, e o demónio, a arruda. Deus fez o trigo, e o demónio, o joio. Deus fez a abelha, e o demónio, a vespa. Deus fez a joaninha, e o demónio, o escaravelho. Deus fez a águia, a rola, o tentilhão, o melro e

a cotovia, e o demónio fez a mochela, o gaio, o pardal, o tordo e o gavião. E quando, mesmo assim, Deus ainda vencia, o demónio fez o lobo, para se vingar. Com Margarida numa perna e Blanca na outra, o pai dizia-lhes sempre que nunca, nunca, nunca, deviam sair sozinhas de casa. Porque dentro dos cagalhões dos demónios com forma de fera que ele caçava, encontrava roupinhas e ossinhos que eram de meninos. Em Osor, desde que ele se lembrava, os lobos tinham comido oito crianças. De Susqueda, tinham devorado sete. Numa casa de campo perto de Tavertet, tinham matado duas e ferido mais duas. Numa casa perto de Viladrau, duas. Em Sant Sadurní d'Osormort, uma menina tirada de um berço e três que já andavam, em Campins, duas meninas e a sua mãe, de Sant Feliu de Buixalleu, três crianças, um médico e um burro.

Quando Joana ficou com a fonte de veneno seca, já era de dia. A luz entrava pela janela. E Margarida reparou de repente quando viu a mesa, as cadeiras, a lareira apagada. A sua mãe tinha a cara enrugada, os olhos frios, a boca obstinada, e pela primeira vez pareceu-lhe uma mulher velha. Feia. Pérfida. Então ouviram os gritos. Na eira. «Ó da casa!», clamavam, «Ó da casa!». E mãe e filha levantaram-se, mas nem sequer tiveram tempo de se pentear nem de secar o rosto, pois um homem entrou na casa, sem bater, como a luz da manhã. Atravessou a entrada e meteu-se na cozinha. Fez uma pequena vénia e disse-lhes, «Minhas senhoras». E Margarida fitou-o, extasiada, e pensou, deve ser um príncipe. Ou um anjo. Nenhum olho que não tenha estado na Glória deve ter contemplado um homem como este. E o seu coração e os seus membros congelados ficaram revigorados porque ela imaginou Nosso Senhor a criá-lo. No mesmo dia em que criou os pintassilgos e as andorinhas. Do melhor barro. Do barro com que criou os animais bonitos e proveitosos. Com as mãos. E viu como modelava aquela boca, no lugar onde há a boca, e lá dentro colocava os dentes, um a um, e como fazia o sulco

no meio do queixo, e os olhos, como duas tochas. Como esculpia aquele pescoço de potro, o peito e as costas, as pernas, com os joelhos redondos. Como cinzelava os dedos, que seguravam a tigela que Joana lhe oferecera, sem beber. E lhe colocava uma unha em cada ponta, como jóias. Os lábios falavam. Chamava-se Francesc Llobera. Explicou que era o irmão cavaleiro da Casa dos Llobera, perto de Viladrau, onde as mulheres morriam como moscas, e por isso queria ir-se embora, disse. Para não morrer ele também, de tanto ver como o seu pai e o herdeiro casavam uma vez após outra. Quando sorria, os lábios esticavam-se. Olhou para cozinha, as paredes, o tecto, a viúva, a herdeira. Joana disse, «É boa, saudável e trabalhadora». Francesc perguntou, «Tem outra filha?». Joana respondeu, «Sim, mas a Blanca é parvinha». Porque Blanca olhava para as galinhas. Como bicavam o chão, distraídas. E para o galo, como levantava uma pata, e como levantava a outra pata. E como inchava o peito e cacarejava. Movia as asas curtas, que não voavam. Virava o pescoço e coçava-se. Cacarejava mais e envaidecia-se. A crista e as barbelas balançavam. A galinha encolhia-se e o galo subia para ela. Pisava as suas costas com as patas, agarrava-se às penas do seu cogote com o bico, e agitavam-se.

E então Joana disse que, se Francesc e Margarida se casassem, e o coração de três quartos de Margarida sobressaltou-se, mas Joana continuou dizendo que, se Francesc e Margarida se casassem, e Margarida pensou que Deus devia amá-la muito se para casar lhe dava aquele homem!, mas Joana ainda dizia que, se Francesc e Margarida se casassem, teriam de manter e ter em casa, todos os dias das suas vidas naturais, a sogra e respectiva mãe, que era ela, e a cunhada e respectiva irmã, que era Blanca, na saúde e na doença, e fornecer-lhes comida e bebida e calçado e roupa, e, quando chegasse a hora, teriam de as sepultar. E Francesc olhou para Margarida, que estava quieta, calada, com o coração ainda entorpecido, a cabeça

baixa e as mãos no colo, e escolheu-a. De entre todas as raparigas que havia para escolher, de entre toda a infinidade de mulheres do mundo, com os seus olhos e os seus cabelos e as suas maneiras de olhar, disse, esta. E apontou para ela.

Prepararam um prato de nabos com nogada. Limparam os nabos, cortaram-nos, cozeram-nos duas vezes. Escorreram-nos e numa caçarola refogaram cebola com banha e, quando a cebola estava cozida, retiraram-na. Na gordura que sobrou puseram farinha, e, quando se dourou, acrescentaram os nabos. Fizeram a nogada à parte. Com nozes, leite, a cebola do refogado e vinho. E cozinham pombos com *salsa bruna*¹. Depenaram-nos e retiraram os seus fígados, que picaram com migalha de pão embebido em vinho e vinagre. Cozeram três ovos, separaram as gemas e misturaram com o pão e os fígados, e depois coaram e puseram tudo numa panela e ferveram-no com mel. Assaram os pombos e, quando estavam meio cozidos, introduziram-nos na panela com o molho dos fígados. E fizeram uma *mirrauste*² de maçãs. Com maçãs bem doces, descascadas, cortadas e sem caroço, que cozeram com água. E, à parte, prepararam o molho, com um punhado de amêndoas torradas que picaram num pilão e refogaram no caldo das mesmas maçãs, para fazer o leite de amêndoas, ao qual acrescentaram migalha de pão e mel.

O reitor de Querós celebrou o ritual. Ninguém manifestou nenhum impedimento e os noivos casaram na presença da família. O reitor disse as palavras do compromisso matrimonial. «Vós, Francesc Llobera, dais o vosso corpo a Margarida, que aqui está, por leal marido.» *Dixit quod sic. Et eodem*

1 Molho para perdizes e pombos referido no *Llibre del Coch*, de Robert de Nola, no século XVI.

2 Molho medieval, referido no *Llibre del Coch*, de Robert de Nola, indicado para carne guisada e que era feito com fruta, amêndoas, miolo de pão, açúcar e canela.

modo dixit. «Vós, Margarida Clavell, dais o vosso corpo por leal mulher a Llobera, que aqui está.» *Que nullum dedit responsum.* E Francesc, com o sulco no meio do queixo e as mãos ásperas cheias de anéis, pegou-lhe no rosto e, da luz tão clara que fazia a alegria, Margarida não via nada.

Então os sinos tocaram. Sinos e mais sinos. Que badalavam. Estridentes e metálicos. Sinos dentro de casa. Sinos que não celebravam um casamento, mas que alertavam para uma morte, avisavam de fogo, de lobos, de tempestades, de ladrões, advertiam para coisas terríveis que estavam a chegar, que se aproximavam, para que todos acordassem. E fez-se luz na sala. Como uma bofetada. Era uma luz suja. Mentirosa. Amarela. Um ultraje. A claridade falsa enfiou-se por baixo da porta, e Margarida, que estava às escuras ao lado de Bernadeta, com os polegares a dar voltas, deu um salto na cadeira, como se a tivessem picado. Ouviram-se passos de doninha a aproximar-se. A maçaneta da porta virou com um rangido delicado. E, embora lá fora as árvores e a floresta não renunciassem à escuridão e se apegassem às sombras, às humidades e aos estalidos, a luz postiça, que os contrariava, impôs-se e afogou a negrura como uma grande torrente. Marta entrou no quarto. Era uma mulher feia, segundo Margarida, corpulenta, de cara redonda, ombros generosos, seios proeminentes e rabo abundante. Tinha o cabelo despenteado e colado ao crânio, e usava uma roupa de dormir extravagante. De duas peças cor-de-rosa, com coelhinhos cinzentos de barrigas e orelhas brancas. No pescoço levava pendurados uns óculos de concha, e na mão carregava um espelhinho. E dentro do espelhinho havia a igreja, inteira. E dentro da igreja havia os sinos a badalarem. Sobre a mesa-de-cabeceira, Marta acendeu uma segunda e maldita lâmpada de luz errónea e sem chama, que não se apagava ao soprar nela. Apenas batendo nela. Mas era preciso bater com força. Plás! Plás! Plás! Margarida batia-lhes quando ninguém olhava. E então, quando

tentava acendê-las e a feitiçaria não funcionava, Marta resmungava, e exclamava, que não podia ser, que o circuito eléctrico daquela casa era uma merda, e que se tinham fundido outra vez!

Marta murmurou o nome de Bernadeta, e Margarida virou a cabeça, porque aquela luz era falaz e desconfortável, e porque não queria ver Marta nem as coisas que fazia. Marta estava viva. Havia uma vereda incómoda por onde não tinha passado. Ainda. Tinha nascido, como todas as coisas que nascem. Mas Marta não tinha morrido. Ainda. Como todas as coisas que morrem. E era lei divina, universal, a primeira — por mais que naquela casa se estivessem a borrifar para as leis primeiras —, que não se olhasse para os vivos, nem se tocassem neles ou se falasse com eles. Nada. De costas. Passa! Como um sapo, como uma urtiga, como uma bosta de vaca. Bernadeta moveu os lábios, estalou a língua dentro da boca pastosa, engoliu saliva e abriu dois olhos sem pestanas, como duas feridas. Marta disse-lhe bom dia, e a velha fez um som que pareceu displicente a Margarida. Perguntou-lhe se queria fazer chichi e, sem esperar que respondesse, afastou-lhe os lençóis e os cobertores. Bernadeta usava uma camisa de noite esfarrapada, que lhe deixava os braços transparentes, com pelinhos abundantes. A mulher desceu as pernas nuas da cama, colocou os pés inchados numas alpargatas e passou um braço pelos ombros de Marta. E, aos poucos, porque era uma velha pesada, levantou-se e saíram do quarto, deixando a lâmpada acesa. Margarida arfou. Insolentes! Como se agora fossem as mulheres e os homens a escolherem quando amanhece e quando chega a noite. Passeavam pelo mundo como se tivessem o direito de ver todas as coisas, até mesmo as que não devem ser vistas. Descarados! E como se já não fosse Deus quem tem a medida de tudo, nem quem escolhe a escuridão das noites e a duração dos dias. Ouviu-as atravessar a sala. Entrar na latrina que tinham construído dentro de casa, sem

vergonha, e como as ancas de Bernadeta faziam um barulho frio ao caírem sobre a retrete. Era de porcelana branca, como se fossem marquesas. Ouviu o som do jorro da vaca. E a voz de Marta a perguntar a Bernadeta se tinha dormido bem. Os sons desinteressados da velha. Se tinha fome, e Bernadeta murmurava, hummm, se queria descer para tomar o pequeno-almoço, que foi a única pergunta a que a velha respondeu claramente. Não. Então voltaram para o quarto a arrastar-se, e sentaram-se na cama, que era alta, curta, austera, com uma cabeceira de barras metálicas. Marta abriu uma garrafa que não se partia, e deitou água num copo verde, de vidro bom. Sobre a mesinha havia uma montanha de caixas brancas, azuis, cinzentas, entre as quais Marta rebuscou. A velha estendeu uma mão trémula, e Marta deu-lhe sementes. Uma vermelha. Uma laranja e uma azul. Duas pequenas e brancas. Uma redonda com uma lista. Bernadeta engoliu-as. Marta encheu o copo de novo e deitou lá dentro uma moeda amarela, que se moveu dentro da água como quem se afoga, a soltar bolhas. Quando se afundou, Bernadeta bebeu-a, e Marta disse que lhe levaria um chá de camomila e uma torrada para o pequeno-almoço. A velha pediu compota, e Marta saiu, encostando a porta e deixando a luz falsa da mesa-de-cabeceira acesa. E Margarida lamentou-se, como se todas as outras não fossem suficiente castigo e suficiente desgraça! As mulheres ingratas, chatas, frívolas, pérfidas, escarafunchadoras de feridas e preguiçosas daquela casa. Como se não bastasse, também tinha de aguentar Marta, que era grosseira, bruta, burra, inútil e cabeça oca. Mas a condenação não terminava aqui. Ah, não. Porque o sofrimento de Margarida não tinha fim. Marta tinha uma filha chamada Alexandra. Fruto do pecado e do vício, como a maioria das crianças daquela casa. Embora Alexandra nem sequer tivesse nascido na casa. Tinha nascido fora. Por isso a bastarda era desenraizada, escorregadia, renegada e despreocupada, e não dormia quase nenhuma noite lá.

E uma mulher incrédula poderia pensar que ainda bem que a rapariga preguiçosa de Marta, que não tinha paciência, nem brio, nem sangue nas veias, nem ponta de respeito, não dormia ali quase nenhuma noite. Mas vá-se lá saber onde dormia!, dizia Margarida para si. Como se na Casa dos Clavell nunca fossem aprender a lição. A tropeçar na mesma pedra uma vez e outra. Alexandra dormia com homens e com demónios! Enquanto a mãe, Marta, que era curta como um rabo de cabra, atormentadora, alheia a tudo e esquecida, que por não saber não sabia nem quem era Margarida!, passeava pela casa como se fosse sua, a acender e a apagar luzes e a urinar pelos cantos, com aquela sua cabeça completamente vazia e esquecida, que fazia cling-cling, clang-clang, clong-clong.

ÍNDICE

Madrugada	7
Manhã	31
Meio-dia	51
Tarde.....	75
Anoitecer	93
Noite	109
Nota da autora	153
Agradecimentos.....	157

Na Casa dos Clavell, escondida nas altas montanhas dos Pirenéus catalães num lugar povoado por caçadores de lobos, bandidos, fantasmas, bruxas e demónios, a velha Bernadeta, cuja idade já ninguém sabe precisar, aguarda na cama a hora da sua morte. Uma roda de mulheres «sujas e desabridas, grotescas e ordinárias» prepara a festa para a receber. São as mulheres já mortas da sua família, almas condenadas, desde que Joana, a primeira da linhagem, fez e desfez um pacto com o diabo para arranjar marido — um homem inteiro e herdeiro. Enquanto o Sol nasce e se põe novamente, desfia-se o passar dos séculos e dos acontecimentos presentes e remotos, visíveis e invisíveis.

Romance exuberante e magnético, inspirado na História, na geografia, nas tradições e no folclore da Catalunha, *Dei-te Olhos e Viste as Trevas* molda, com humor e ousadia, um lugar ancestral, caprichoso, inóspito; um purgatório para as almas femininas.

«Um mosaico de jovialidade, humor, luz vital e jogo escatológico, uma farsa carnavalesca.»

El País

«Uma prosa com o mesmo excesso demoníaco de um quadro de Hieronymus Bosch.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-550-8



9 789895 835508